

ANTES DO GRITO: O BRASIL QUE SUSSURRAVA MODERNIDADES¹.

Autor: Leonardo Vinicius de Souza Tavares²

Modernismo é um acontecimento, isto é, um evento que tem data, público e certo *glamour*. Assim foi a famigerada Semana de Arte Moderna, de fevereiro de 1922 na cidade de São Paulo. O adjetivo **moderno**, segundo Bosi (2006) foi atribuído por historiadores de nossa literatura, devido à abordagem original que seus idealizadores suscitaram em relação às correntes literárias anteriores, claudicantes, como o parnasianismo e o decadentismo, por exemplo.

Cabe destacar, porém, que anterior à “Semana”, como salienta Bosi (2006), o Brasil, em contexto da República Velha (1894-1930), período em que predominavam, politicamente, São Paulo e Minas Gerais (República do café com leite) e que o equilíbrio da economia e da política dependiam da produção do leite e da exportação do café, com o governo responsável por comprar o excedente do café e garantir, assim, o bom andamento dos negócios, alguns escritores se ocuparam de, a seu modo, traçarem perfis da sociedade brasileira e, inclusive, fazer denúncias.

Antes de listar alguns dos autores que compõem o período em questão (1900-1920), vale destacar que em fins do século XX, o cenário nacional se altera no sentido de haver certa transformação urbana, em virtude do empreendimento de urbanização das cidades³, bem como da vinda significativa de imigrantes europeus para as regiões centro e sul do país. O saldo nada positivo dessa imigração resultou na marginalização de escravizados negros que, sem perspectiva, vagavam pelas cidades e tentavam sobreviver praticamente sem recursos. Traços de um país desigual como o Brasil.

Nesse período também, é possível identificar uma ascensão tímida de uma classe média, bem como o delinear de uma classe operária e, também, do subproletariado. Essa configuração social permitiu aos intelectuais de São Paulo e Rio de Janeiro manter contatos com o que se produzia na Europa e, de certa maneira, esse contato possibilitou a dinamização e matização de

¹ O título deste ensaio é uma provocação retórica que alude ao período anterior à Semana de 1922, como um momento de vozes ainda não ouvidas plenamente, e prepara terreno para a suposta “explosão” modernista, o que não passou de uma impressão equivocada (cf. Antônio Cândido), porém que deixou marcas significativas na Literatura Brasileira, de algum modo.

² Doutor em Língua Portuguesa pela PUC-SP. Estágio pós-doutoral em curso na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (Etnomusicologia e Retórica). Pesquisador do Grupo ERA, da PUC-SP e do Gepae, da FEUSP. Contato: leonardovitavares@yahoo.com.br.

³ Esse processo de urbanização resultou no surgimento das “favelas”, pois as populações pobres foram obrigadas a viver longe dos centros urbanos, alvo do “progresso” idealizado, principalmente, a passos largos, pelo prefeito do Rio de Janeiro (à época, capital do Brasil) Pereira Passos, no período em que a presidência da recente República estava a cargo de Rodrigues Alves.

posições tomadas nas obras literárias, sob o ponto de vista do aspecto cultural. Particularmente, apesar de reconhecer certo valor no contato com ideias e obras estrangeiras, esse é o nó brasileiro desde os primeiros tempos: basear-se, ainda hoje, seja em vários campos da vida social, isto é, de produtos de consumo básico a filmes e ideias literárias, na exterioridade legitimadora da Europa ou, mais recentemente, dos norte-americanos. O Brasil, dentro de suas inúmeras limitações, produziu gente competentíssima em diversos campos do saber sem, necessariamente, terem buscado modelos estrangeiros. Aliás, muitas delas, serviram de base para literatos, cientistas, matemáticos etc. de outros países.

Divagações a parte, é importante registrar que, genericamente, os escritores dos anos (1900-1920) deixaram-se seduzir pelo **irracionalismo**, corrente de atitude existencial e estética que forneceu o tom aos novos grupos modernistas (Bosi, 2006). Esses grupos “atacavam”, por assim dizer, os parnasianos e os decadentistas. Conforme Bosi (2006, p. 325), os irracionaisistas de maior expressão foram “Mário de Andrade e a sua poética; Manuel Bandeira, teórico do ‘alumbramento’ e; todo o roteiro traçado por Oswald de Andrade”⁴. Cabe ainda salientar que Guilherme de Almeida e Menotti del Picchia mantiveram-se ligados ao “decadentismo estetizante” e, por sua vez, Cassiano Ricardo, ao primitivismo.

Tudo o que precede a dita “fase heroica” do Modernismo de 1922 é considerada a vertente que, de algum modo, se ocupou com a realidade social e cultural do país, no sentido de problematizá-la. Mesmo com essa verve, segundo Bosi (2006) essa literatura foi pouco inovadora, salvo os prosadores regionalistas como Simões Lopes Neto e Valdomiro Silveira, uma vez que ambos empreenderam em sua literatura o registro de costumes e à “verdadeira fala rural”.

Antônio Cândido, em palestra curta proferida em 2011, na Universidade de São Paulo (FFLCH)⁵, a convite de um amigo, para uma plateia de estudantes, ao versar sobre as impressões que tivera como leitor, da obra de Graciliano Ramos, assinalou que, a Semana de 1922, na verdade, teve pouca repercussão e que a ideia de ampla divulgação e conhecimento geral do movimento é ilusória. Ainda, de acordo com o saudoso professor, o Modernismo teve maior expressão no Rio de Janeiro (capital do país), pois era efervescente no que toca à produção artístico-cultural e política brasileira. Em São Paulo, vivenciaram-se apenas ecos tímidos do que ocorreu no Rio de Janeiro.

Cândido complementa que o Modernismo só ganhou força mesmo, no sentido de integrar

⁴ A citação não é *ipsis litteris* a do livro consultado, no entanto, mantiveram-se as aspas em virtude de as ideias e o modo como estão dispostas serem muito semelhantes às constantes no original do autor.

⁵ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=p3r-dY-0Ows&t=32s> – Canal da TV Cultura no *You Tube* – **Depoimento de Antônio Cândido no Simpósio Graciliano Ramos – 75 anos do livro *Angústia***. Vídeo postado 13 anos atrás. Acesso em 14 de julho de 2025.

o país por meio da Literatura, no que concerne a dar ciência da desigualdade social, com a seca, com o latifúndio, com o cagaço, dentre inúmeras outras questões que ainda compõem o cenário nacional, depois de 1930⁶. Cabe ampliar o raciocínio: a barreira, notadamente ainda intransponível guardada as devidas proporções, - em virtude das tecnologias e de inúmeros recursos que possibilitam a leitura, a pesquisa e a audição de livros, por exemplo -, ainda é a questão da leitura, pois se sabe que o Brasil ainda é uma nação predominantemente oral, apesar de a escrita permear e reger as práticas sociais cristalizadas como mais relevantes.

De certo modo, tudo o que se produziu nas diversas escolas literárias que compõem o quadro da Literatura Brasileira, infantil e não infantil, em maior ou menor grau, sempre ficou relegada a um pequeno grupo letrado, geralmente pertencente aos mais favorecidos socialmente. Por isso, nos primórdios da editoração de livros em terras tupiniquins, muitos editores apresentaram resistência para investir no mercado editorial, como bem assinalam Lajolo & Zilberman (2022, p. 50).

Em conformidade com Bosi (2006), os escritores dos inícios do século XX brasileiro que se propuseram a revelar as “tensões da vida nacional”, ou seja, os predecessores dos modernistas foram: Lima Barreto (romance), Graça Aranha (romance, artigos de jornal), Euclides da Cunha (ensaio social), Alberto Torres, Oliveira Viana e Manuel Bonfim. Nessa esteira aparece também Monteiro Lobato (livros, artigos de jornal). O autor assevera que, de certa forma, mesmo sem muito vulto, na visão dos modernistas de 22, esses escritores que os precederam se debruçaram a criticar o Brasil arcaico, à negação de todo academismo e à ruptura com a República Velha. Veja todo movimento que visa romper com paradigmas, no caso da República Velha, com o revezamento café X leite é válido. (Grifo meu). Todo rompimento é um trabalho de excelência, pois implica, a princípio, o conhecimento das regras do jogo:

Para ficar em regra, é preciso conhecer a regra, os adversários, o jogo com a palma da mão. Se fosse preciso dar uma definição transcultural da excelência, eu diria que ela é o fato de se saber jogar com a regra do jogo até o limite, e mesmo até a transgressão, mantendo-se sempre dentro da regra. (BOURDIEU, 2004, p. 99).

Bourdieu afirma que a excelência transcultural está em dominar profundamente as regras de um campo — conhecê-las, jogá-las, e até transgredi-las sem abandoná-las —, o que se aplica diretamente ao gesto dos escritores brasileiros entre 1900 e 1920 que, dentro do paradigma normativo da língua escrita e das convenções gramaticais da época, usaram sua erudição e domínio

⁶ Na ocasião, Antônio Cândido cita o estudo empreendido pelo saudoso professor João Luiz Lafetá sobre o período em questão (1930-1945). [Curiosidade para alguns e para outros não, Lafetá foi orientando do professor Cândido na USP].

formal como forma de crítica social. Autores como Lima Barreto e Euclides da Cunha exemplificam essa postura: ainda que escrevessem dentro dos limites da norma culta e da tradição literária, tensionaram essas mesmas estruturas para revelar e denunciar as desigualdades, os preconceitos raciais, a hipocrisia das elites e as distorções de um país profundamente desigual. Em outras palavras, esses escritores jogavam com as regras do campo literário e linguístico para expor suas fissuras, ao mobilizar a língua como instrumento de enfrentamento simbólico das injustiças estruturais do Brasil.

Os sertões, obra magistral de Euclides, caracteriza-se pela seriedade e boa-fé com a palavra, uma vez que o escritor foi um estudioso do Brasil, comprometido com a natureza, com o homem e com a sociedade (Bosi, 2006). Foi engenheiro, viajou muito pelo país e teve a oportunidade de entrar em contato com realidades de diversa ordem. Canudos (BA), sem dúvidas, foi a mais impactante, tanto que a dureza daquele povo residente do arraial se revela na linguagem empregada pelo autor na composição do livro: árida, de leitura indigesta. Porém, dentre os obstáculos da língua empregada na obra, há coisas bonitas também:

Não há manhãs que se comparem às de Canudos; nem as manhãs sul-mineiras, nem as manhãs douradas do planalto central de São Paulo se equiparam às que aqui se expandem num firmamento puríssimo, com irradiações fantásticas de apoteose. (EUCLIDES DA CUNHA, 2009, p. 224).

Destaque para o gramático e filólogo João Ribeiro, também parnasiano e crítico literário, que foi um dos primeiros a formular com clareza o “problema da língua nacional”. Muito posteriormente, essa questão da língua nacional, é retomada pela personagem Policarpo Quaresma no romance de Lima Barreto, a qual defende o retorno da língua Tupi. Resposta sagaz ao período pombalino e a constatação de que, não fosse a forte intervenção estatal, o país seria, no mínimo, bilíngue⁷.

Ainda sobre Lima Barreto, o querido Alfredo Bosi assinalou que o *húmus* ideológico de sua obra está intimamente ligado ao fato de ele ser proveniente de casta humilde. O termo - “casta” - foi utilizado propositalmente, uma vez que a sociedade hierarquiza e atribui valores a determinadas práticas, costumes, crenças e distingue outras, alijando-as. O escritor era atento a esse movimento e denunciava, sempre que possível em tudo o que escrevia, embora ele mesmo vivenciasse o paradoxo de querer ser reconhecido literariamente por essa mesma “casta”

⁷ Antônio Cândido, em estudo realizado em Bofete-SP (1948), que resultou na tese de doutorado, posteriormente transformada em livro *Os parceiros do Rio Bonito*, também comenta essa questão da intervenção que impediu que o país fosse bilíngue.

privilegiada que ele alfinetava em seus escritos. Destaque a *Clara dos anjos*, que revela preconceitos de classe e de cor e o amplamente conhecido *Triste fim de Policarpo Quaresma*, que traça certo panorama da política nacional nos tempos de Floriano Peixoto, o “marechal de ferro”.

Graça Aranha, no entendimento de Bosi (2006), foi uma espécie de “premonitor” das discussões que tomariam amplitude na Semana de 22. Compôs uma espécie de esboço de uma “metafísica brasileira”, na qual se dedicou a dissertar sobre o traço definidor do povo brasileiro, que segundo Graça, seria a **imaginação**. Em contrapartida, Cândido, em *Literatura e Sociedade*, afirma que a produção literária desse período e posterior a ele, apresentou **localismo** e **cosmopolitismo** e que os escritores elencados por ele foram personalidades literárias que conseguiram equilibrar competentemente essas duas tendências, a saber: Gonçalves Dias, Machado de Assis, Joaquim Nabuco e Mário de Andrade.

As primeiras duas décadas de produção literária brasileira têm o seu valor, pois apresentam panoramas culturais, sociais, políticos e estéticos que merecem ser minimamente conhecidos, em prosa e poesia. Os enfoques de abordagem são variados a fim de desvelar as ideias que circulavam a época: crítica literária, historiografia, sociologia e retórica, para citar alguns.

As obras literárias, em maior ou menor grau, apresentam o que os linguistas chamam de **argumentatividade**, isto é, intenções, por vezes do autor, que não se revelam explicitamente no texto. Exemplo de *Clara dos anjos*, em que Lima, constantemente vítima de preconceitos de cor (social também), bem como a sua família (mãe), se vale da personagem Clara e da escolha lexical do nome para registrar as intempéries pelas quais passou. Outro exemplo rico e digno de estudo é de Euclides, ao compor – *Os sertões*, pois se preocupou em reproduzir em seu ensaio social a aridez constatada no arraial de Canudos. Há nessa questão da aridez uma metáfora, pois o termo pode remeter também a escassez de recursos, de assistência, de vida.

Se considerado o viés retórico, por exemplo, amalgamam-se nas obras paixões, não na acepção cristalizada pelo senso comum, mas sim no sentido grego de intenções (*pathos*), a fim de camuflar ódios, preconceitos, indignações, de mostrar que, em certa medida, toda ação é motivada pelas paixões; *ethos*, no sentido de construir reputações e vilipendiar outras e; *logos*, atrelado ao estilo, que consiste no trabalho com a palavra, em sentido estrito, que revela tendências, subverte outras e assim por diante. Exemplo clássico de subversão com a palavra, não pertencente a esse período, mas relevante, foi a poesia concreta empreendida por Haroldo e Augusto de Campos em parceria com Décio Pignatari, a partir de 1956. Certamente existem obras que os precederam, no entanto, o ponto alto dessa subversão, se deu com eles. (Grifo meu).

Afinal, por quê? Ora, porque a poesia concreta, desenvolvida pelos irmãos Campos e Décio

Pignatari, representou uma subversão radical da linguagem literária no Brasil ao romper com a linearidade do verso tradicional e instaurar uma nova lógica de significação visual, sonora e espacial. Influenciados pelas vanguardas europeias, sobretudo pelo ideograma de Ezra Pound e pelo cubismo literário, os concretistas deslocaram o foco do conteúdo para a forma, propondo uma poesia em que o signo verbal é percebido como objeto — isto é, uma poesia para ser lida com os olhos tanto quanto com o intelecto:

O objetivo de um orador é cumprir seu propósito discursivo de modo adequado e eficaz para produzir convencimento ou persuasão em um auditório. Esse propósito, em um ato retórico, é efetivado por meio de três elementos tradutores de intencionalidade (...) *docere* (instruir, ensinar), o lado argumentativo do discurso; b) *delectare* (agradar), o lado agradável, humorístico e c) *movere* (comover), aquilo com que ele abala, impressiona o auditório. (MAGALHÃES, 2023, p. 141).

Ao explorar a materialidade da linguagem — sons, formas gráficas, sintaxe fragmentada — eles subverteram o cânone lírico e romântico da literatura brasileira e instauram uma estética que não mais dependia da **discursividade** (coisa dos estudiosos de análise do discurso de linha francesa) ou da metáfora convencional, mas sim da interação entre palavra, espaço e silêncio. Essa guinada promoveu não apenas uma ruptura estilística, mas também uma crítica à função comunicacional da linguagem, pois reafirmou a poesia como forma autônoma e autorreflexiva de pensamento.

Neste brevíssimo ensaio buscou-se delinear, de forma objetiva e, mais geral, aspectos, temáticas e autores relevantes do período literário das primeiras duas décadas do século XX, sem prescindir da importância de amplificar suas ideias e incentivar a leitura por públicos mais heterogêneos. Literatura não é somente “produto” de especialistas – não deveria ser pelo menos -, mas a oportunidade de pessoas de diversas classes ampliarem repertórios, conhecer realidades e aprimorar a dura tarefa de ler e escrever e, sobretudo, compreender com mais qualidade o que lê, escreve e produz. Para isso, é necessário, de fato, um trabalho acurado de especialistas sensíveis (literatos ou não) às questões sociais que perduram no caótico cenário político e educacional brasileiro:

Uma crise nos obriga a voltar às questões mesmas e exige respostas novas ou velhas, mas de qualquer modo julgamentos diretos. Uma crise só se torna um desastre quando respondemos a ela com juízos pré-formados, isto é, com preconceitos. Uma atitude dessas não apenas aguça a crise como nos priva da experiência da realidade e da oportunidade por ela proporcionada à reflexão. (ARENDT, 2014, p. 223).

O professor Cândido (2000) [sempre ele, não é mesmo?] dizia que os operários querem ler “literatura boa”, certamente ele não se referiu ao Brasil diretamente (versava sobre trabalhadores de fábrica de um país da Europa), mas deu uma pista no sentido de primeiro, observar, pesquisar, perguntar, organizar dados para depois adotar caminhos que levem a formação cidadã pelo viés da Literatura - a escola é um dos lugares fundamentais para que isso aconteça, longe dos pedagogismos e utilitarismos de circunstância -, afinal de contas ela (Literatura) é resultante de vivências e análises humanas da realidade e também da fantasia, *mimesis*, sendo assim, tem alta capacidade formativa, reflexiva, filosófica e, sem dúvida alguma, educativa. País sem educação não avança! (Grifo meu).

Contudo, para que essa formação se efetive no horizonte proposto por Cândido (2000) — isto é, uma educação literária que forme o cidadão em sua inteireza ética, estética e social —, é urgente que desvencilhem-se as amarras discursivas herdadas do mundo corporativo, que reduz o sujeito à condição de “colaborador”, medido por metas e desempenho, numa lógica de produtividade que vem contaminando a educação com inquietante profundidade. A retórica empresarial, disfarçada de modernização e eficiência, tem substituído o sentido da escola como espaço de humanização por projetos voltados à empregabilidade imediata, ao empreendedorismo precoce e ao esvaziamento crítico da linguagem. A educação, assim instrumentalizada, perde sua dimensão formadora, histórica, literária e política, pois cede lugar a um adestramento que pouco ou nada contribui para a emancipação do sujeito. A toada é mais ou menos essa — “O discurso atual da quase totalidade das empresas aponta os colaboradores como ‘ativo’ importante” (MAGALHÃES, 2010, p. 63). Importante para atingir metas, obviamente.

Este ensaio, portanto, procurou seguir a infalível dica da Professora Doutora Ana Lúcia Magalhães — “Não basta ler o texto; é preciso estudá-lo” —, uma vez que parte do esforço de leitura crítica para articular sentidos possíveis no campo entre a educação e a literatura. As reflexões aqui apresentadas representam apenas uma das muitas lentes possíveis de análise do complexo, caótico e, ainda assim, profundamente valioso cenário literário brasileiro, que continua a oferecer chaves preciosas para pensar a formação cultural e humana em tempos de esvaziamento simbólico.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. *A crise na educação*. (págs. 221-247) In: ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. — Tradução de Mauro W. Barbosa. - São Paulo: Perspectiva, 2014. (Debates; 64/ Dirigida por J. Guinsburg).

BOSI, Alfredo. *VII Pré-Modernismo e Modernismo*. (págs. 327-367) In: BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. – 43ª ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *A codificação*. (págs. 96-107) In: BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. – Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. – São Paulo: Brasiliense, 2004. Título original: *Choses dites*.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. – 8ª ed. – São Paulo: Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro).

CUNHA, Euclides. **Migalhas de Euclides da Cunha**. – Seleção e organização de Miguel Matos. – São Paulo: Migalhas, 2009. 276 p.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN. *Na República Velha, a formação de um gênero novo (1890-1920)*. (págs. 45-81) In: LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: história & histórias**. – São Paulo: UNESP, 2022.

MAGALHÃES, Ana Lúcia. *Retórica do opressor no discurso da empresa*. (págs. 63-90) In: BRACARENSE, Luciana; FERREIRA, Luiz Antonio (Organizadores). **Retórica do opressor**. – São Paulo: LPB, 2010.

MAGALHÃES, Ana Lúcia. *Elocutio: estilo e arte do orador*. (págs. 141-152) In: ABUCHAIM, Claudia Borragini; FERREIRA, Luiz Antonio (Organizadores). **Sistema retórico: dispositio e elocutio**. – São Paulo: Blucher, 2023.